

CRISTOFASCISMO E BOLSONARISMO NO CAMPO POLÍTICO, SOCIAL E RELIGIOSO BRASILEIRO

CHRISTO-FASCISM AND BOLSONARISM IN THE BRAZILIAN POLITICAL, SOCIAL AND RELIGIOUS FIELD

CRISTOFASCISMO Y BOLSONARISMO EN EL ÁMBITO POLÍTICO, SOCIAL Y RELIGIOSO BRASILEÑO

Daniel Andres Baez Brizuela¹

Resumo

Este artigo aborda o tema *Cristofascismo e bolsonarismo no campo político, social e religioso brasileiro*. Estes conceitos estão interligados e expandidos em campos de conhecimento diversos, que surgiram no horizonte como premissas deste artigo. O cristofascismo e o bolsonarismo, na contemporaneidade, nos levam a refletir. O primeiro se fundamenta em uma teologia do poder autoritário e o segundo como movimento de cunho personalista, raivoso e intolerante, digno dos maiores personagens autoritários da história recente. A pesquisa é de cunho bibliográfico; nela buscaremos estabelecer diálogo entre diversos autores a partir de entrevistas e publicações existentes em sites especializados. O tema escolhido se insere na realidade entendida como populismo político, manipulação religiosa e ideais nacionalistas. Uma mistura de discurso exacerbado contra as minorias e a diversidade é a tônica do fascismo, que tenta legitimar a violência física e discursiva para impor a sua força e construir um Estado paralelo entre milícias e fundamentalistas religiosos. Esta realidade está cada vez mais acentuada na realidade política, social e religiosa brasileira. Todas essas características nos ajudam a refletir o que encontramos na junção do bolsonarismo e o cristofascismo, nessa estrutura de poder entre teologia do poder e pragmatismo político-populista.

Palavras-chave: cristofascismo; bolsonarismo; religião; sociologia.

Abstract

This article addresses the theme *Christo-fascism and bolsonarism in the Brazilian political, social, and religious fields*. These concepts are interconnected and expanded in various fields of knowledge that have emerged on the horizon as premises of this article. Christo-fascism and bolsonarism in contemporary times lead us to reflect. The first is based on a theology of authoritarian power and the second as a personalist, angry and intolerant movement worthy of the greatest authoritarian characters in recent history. The research is bibliographic; in it, we will seek to bring together a dialogue between different authors based on interviews and publications on specialized websites. The chosen theme is part of the reality understood as political populism, religious manipulation, and nationalist ideals. A mixture of exacerbated discourse against minorities and diversity is the tonic of fascism that tries to legitimize physical and discursive violence to impose its strength and build a State parallel between militias and religious fundamentalists. This reality is increasingly accentuated in the Brazilian political, social and religious reality. All these features help us to reflect what we find in the junction of bolsonarism and christo-fascism in this power structure between the theology of power and populist political pragmatism.

Keywords: christo-fascism; bolsonairism religion; sociology.

Resumen

Este artículo aborda el tema *Cristofascismo y bolsonarismo en el ámbito político, social y religioso brasileño*. Estos conceptos están interconectados y expandidos en varios campos del conocimiento, que han surgido en el

¹ Acadêmico do Curso Licenciatura em Sociologia. Possui formação em Ciência Política e Marketing pela UNINTER e Letras e Filosofia pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). E-mail: danan1011@hotmail.com.

horizonte como premissas de este artículo. El cristofascismo y el bolsonarismo, en la época contemporánea, nos llevan a reflexionar. El primero se fundamenta en una teología del poder autoritario y el segundo como movimiento personalista, iracundo e intolerante, digno de los más grandes personajes autoritarios de la historia reciente. La investigación es de carácter bibliográfico; en ella, buscaremos articular diálogo entre diferentes autores a partir de entrevistas y publicaciones en sitios especializados. El tema elegido es parte de la realidad entendida como populismo político, manipulación religiosa e ideales nacionalistas. Una mezcla de discurso exacerbado contra las minorías y la diversidad es la tónica del fascismo, que intenta legitimar la violencia física y discursiva para imponer su fuerza y construir un Estado paralelo, entre milicias y fundamentalistas religiosos. Esta realidad se acentúa cada vez más en la realidad política, social y religiosa brasileña. Todas estas características nos ayudan a reflejar lo que encontramos en la unión del bolsonarismo y el cristofascismo, en esta estructura de poder entre la teología del poder y el pragmatismo político-populista.

Palabras-clave: cristofascismo; bolsonarismo; religión; sociología.

1 Introdução

A pandemia da Covid-19 não deixou somente milhares de mortes no Brasil, também trouxe à tona um conceito que podemos chamar de “cristofascismo brasileiro”. Ela fez surgir um movimento de cunho político, ético, sociológico e antropológico, contraditório e nada ortodoxo, que levaremos décadas para tentar descrever com exatidão e compreender o seu impacto. Dois conceitos interligados, neste sentido, surgiram no horizonte como premissas deste artigo, o cristofascismo e o bolsonarismo na contemporaneidade. A primeira como ideia fundamentada em uma teologia do poder autoritário e o segundo como movimento de cunho personalista, raivoso e intolerante, digno de personagens autoritários.

Os dois conceitos se introjetam em nossa sociedade e se retroalimentam em cada movimento discursivo, povoando o imaginário político e religioso de governantes ou cidadãos comuns. Assim, o cristofascismo e o bolsonarismo marcam seu território, um desde o campo religioso para o político e o outro faz o caminho inverso, do político ao campo religioso. É sobre essas questões de entrecruzamento e significações que neste artigo nos debruçaremos. Estamos frente a um fenômeno em gestação e expansão. Os alicerces que o sustentam só são possíveis de analisar na medida em que os atores desse movimento vão sinalizando o seu percurso, através de discursos e gestos, no campo político ou religioso.

2 Metodologia da pesquisa: ciências sociais, filosofia política e sociologia da religião

É de suma importância alertar o leitor que o texto a seguir encontra-se estabelecido dentro da metodologia de pesquisa em Ciências Sociais; seu fundamento encontra-se no método bibliográfico e busca estabelecer um diálogo entre a filosofia política e a sociologia da religião.

Nosso tema de pesquisa — *Cristofascismo e bolsonarismo no campo político, social e religioso brasileiro* — é abrangente e o recorte e a delimitação realizados tendem a apresentar

textos já produzidos em diferentes momentos e com diferentes contornos. O debate, que ora buscamos estabelecer, visa um diálogo entre dois conceitos e mostrar a sua expansão no campo político, religioso e social brasileiro.

As transformações causadas pela Revolução Francesa possibilitaram profundas alterações filosóficas. Nunes (2007) argumenta que:

As transformações ocorridas no campo político, graças à Revolução Francesa, e na economia, graças às inovações tecnológicas que criam uma nova divisão de trabalho e novas classes sociais, fundam as bases de possibilidade para profundas alterações filosóficas (NUNES, 2007, p. 173).

Nunes enfatiza que, nessas alterações profundas, a sociologia se interessa pela análise da religião: “Poder-se-ia mesmo dizer que, no limite, nasce como sociologia da religião, na medida em que, ao se propor entender a sociedade de maneira científica, a sociologia confronta-se imediatamente com o fato religioso” (NUNES, 2007, p. 175).

Em função disso, é importante indicar que a sociologia não surgiu com o fim de ocupar-se da religião, mas os processos sociais a levaram a buscar uma forma de completar sua tarefa de análise. Nunes considera que, nesta tarefa, encontramos três dimensões inerentes à análise que a sociologia da religião pode realizar:

Negativamente, podemos dizer que não é tarefa da sociologia ocupar-se da religião “em si mesma”. O que está em questão para o sociólogo da religião são as relações entre religião e processos sociais. Neste sentido, uma das tarefas definidoras do trabalho da sociologia da religião é identificar as origens e as funções sociais dos mitos, das doutrinas e dos dogmas religiosos. Essa tarefa realiza-se em três dimensões. A primeira delas é a compreensão do papel da religião nas diferentes sociedades e culturas. A segunda, a análise do significado e do impacto da presença e da força das religiões no correr da história humana. E, finalmente, a identificação das forças sociais que modelam as religiões, por um lado, e o reconhecimento do papel das religiões na transformação dos processos sociais, por outro (NUNES, 2007, p. 177).

A partir dessas reflexões, pode se dizer que, para a sociologia da religião, na contemporaneidade existem três vertentes significativas que servem de embasamento para o nosso trabalho.

A primeira diz respeito ao fundamentalismo de viés protestante:

Um outro tema que tem sido objeto de discussão é o dos chamados “fundamentalismos”. Ainda que sua origem protestante seja lembrada, seu uso alargou-se para designar posições políticas e ideológicas consideradas não condizentes com propostas mais liberais, no interior do próprio campo religioso, como no campo da ciência, especialmente na área da biotecnologia e da genética. O debate sobre os fundamentalismos fez voltar à cena a questão das relações entre organizações religiosas e Estados nacionais, no contexto das democracias ocidentais, especialmente quando estão em jogo os direitos das mulheres. Nesse contexto, as discussões em

torno da separação legal Igreja-Estado e da problemática da laicidade retornam à cena (NUNES, 2007, p. 188).

A segunda vertente diz respeito ao catolicismo:

A sociologia do catolicismo brasileiro, no entanto, só pode ser a sociologia do declínio dessa religião e o questionamento sobre os rearranjos do campo religioso, em uma sociedade crescentemente secularizada. Paula Montero, tentando “compreender representações de sociedade e, em particular, da cultura brasileira, implícitas no modo como os pesquisadores recortam e analisam os fenômenos religiosos contemporâneos” (NUNES, 2007, p. 189).

Uma terceira vertente, não menos importante que as duas primeiras, mas que não ocupará um lugar de destaque em nossa pesquisa é:

O que se convencionou chamar “novos movimentos religiosos”, mesmo alguns deles remetendo a práticas, rituais e crenças antigas, tem sido objeto de inúmeras pesquisas. O termo designa, de maneira geral, uma realidade bastante diversa, que inclui desde movimentos do tipo nova era até grupos de cura, religiões devedoras de tradições orientais e outros (NUNES, 2007, p. 189).

É importante ressaltar que esta pesquisa não tem nenhuma intenção de esgotar o assunto, mas de abrir espaço para que os leitores possam aprofundar a discussão. Ao mesmo tempo, sugerir que os artigos e a entrevista que apresentaremos ao longo da nossa exposição sirvam de convite para um debate sadio sobre tão importante tema.

3 Sociedade totalitária contemporânea e o cristofascismo bolsonarista

Para início de conversa e buscando analisar as diversas fontes do bolsonarismo dentro de um contexto específico de Estado totalitário contemporâneo, nada mais oportuno que trazer a esta descrição as palavras de Viel (2019, n. p.), quem afirma que o bolsonarismo, como movimento político defensor de uma sociedade totalitária, é uma mistura que chega a significar a soma de “nostalgia da ditadura, discurso sobre a corrupção” e “ligação ao mundo evangélico”. Certamente, esta “ligação” não traz consigo uma síntese da realidade toda, mas nos ajuda a abrir o horizonte para expandir na complexidade desta “nostalgia”, que mistura de certa forma trono e altar. Tais afirmações vêm ao encontro do que Viel (2019) ressalta:

O fascismo não se impõe, como disse, da noite para o dia: o programa do governo Bolsonaro é socialmente tão reacionário e, na sua tentativa de fundir os interesses das direitas políticas e econômicas do Brasil, tão ambicioso que deverá avaliar da (sic) necessidade de usar uma violência institucional, paralela, que está fora do alcance de qualquer governo democrático. Se não hesitar em usá-la, a prática será muito próxima da abordagem fascista (VIEL, 2019, n. p.)

Vale ressaltar que uma abordagem ou forma de fundir diversos interesses provocará uma violência institucional que se aproxima das práticas fascistas e será o polo dominante desta nova realidade. Para o especialista em Democracia Participativa e Movimentos Sociais (UFMG), mestre em Políticas Públicas e Sociedade (UECE), pesquisador do grupo Democracia e Globalização (UECE/CNPQ), Alexandre Aragão de Albuquerque, o fascismo, como doutrina política, sempre rende um culto a um líder que tenta impor, como autoridade totalitária, o controle da vida pública e privada. Albuquerque (2019) comenta que:

[...] o fascismo é uma doutrina política ancorada na devoção a um líder mitificado pela manipulação ideológica que busca a unificação de um povo por meio de ideais nacionalistas e militaristas, de forma totalitária, impondo o domínio do líder e de seu grupo partidário, numa autoridade sem limites com poderes totalitários de controle da vida pública e da vida privada. Não há diversidade, apenas uniformidade de pensamento e costumes. Para tanto desenvolve uma prática violenta, incitando agressões contra todos seus opositores que ele declara como sendo inimigos do Estado. Consequentemente, o fascismo é o grande apoiador e promotor de violências físicas nas ruas, seja por ações de indivíduos ou de milícias paramilitares (ALBUQUERQUE, 2019, n. p.)

Em função disso, a realidade entendida como doutrina política, manipulação ideológica, ideais nacionalistas, um discurso exacerbado contra as minorias e a diversidade é a tônica do fascismo que tenta legitimar a violência física para impor a sua força e um pacto amplo de um Estado paralelo entre milícias e paramilitares. Uma realidade cada vez mais acentuada na realidade política e social brasileira.

Daí a necessidade de compreender que o fascismo não surge pelo azar da história. Sua construção se dá por meio da banalização do mal. Este é um mecanismo usado quando existe o propósito de tirar a humanidade do outro, quando o outro surge como “indesejável”; esta forma de ver os outros faz surgir a incapacidade de sentir compaixão pelo outro. Neste sentido, é no mínimo estranha a junção entre uma mensagem cristã e um discurso político autoritário. Ao aderir ao projeto fascista, as igrejas cristãs aderem a uma maquinaria estatal profundamente perversa. Py (2020) assevera que:

O que parece evidente é que as ações desses discretos religiosos remontam ao mal que as pessoas comuns podem praticar nos contextos autoritários, quando deixam de refletir criticamente. Retomando as reflexões de Arendt, a banalização do mal ocorre quando um governo se baseia em concepções que levam à tentativa de tirar a humanidade do “outro indesejável” e acabam por fomentar nas pessoas mais comuns a incapacidade de compaixão pelo próximo. Nesse sentido, mesmo sendo pessoas discretas e “técnicas”, os religiosos batistas e presbiterianos ao aderirem ao projeto bolsonarista, agem tal como os burocratas que serviram à máquina fascista. Demonstam que crentes comuns, aqueles que frequentam as igrejas, preocupados com a rotina religiosa de orar, jejuar, cuidar dos filhos e filhas, de zelar pela segurança

da família podem ser partes do maquinário estatal eugênico de Bolsonaro (PY, 2020, n. p.).

O estudo desse autor vem ao encontro do anseio deste trabalho; o conceito de “banalidade do mal” não é um corolário simples nesta engrenagem governamental. Não é introduzido de forma casual. Para percebê-lo em seu sentido mais abrangente, será necessário compreender a trajetória das igrejas protestantes tradicionais e sua relação de proximidade com o governo Bolsonaro; essa aproximação denota um perfil pragmático e essa relação produz proximidade com o conceito da “banalidade do mal”. Pode-se inferir, com base em Py (2020), que:

As trajetórias dos discretos protestantes tradicionais que vêm assumindo os cargos mais “ideológicos” do governo assinalam um caminho já acenado pelo próprio presidente, após tantos problemas políticos nos ministérios. Contudo, o perfil mais pragmático desses protestantes parece indicar um movimento mais assustador. A ação desses religiosos mais discretos remete à expressão da “banalidade do mal”. A expressão remete à filósofa Hannah Arendt, que ao analisar o julgamento do líder nazista Adolf Eichmann, entendeu que, na maioria dos casos, a gestão do genocídio do nazista foi exercida por burocratas comuns. Para espanto de Arendt, os responsáveis pelo racional mecanismo que promoveu milhares de mortes sob o nazismo não eram perversos inteligentes, mas pessoas banais empenhadas em exercer seu ofício de forma eficiente” (PY, 2020, n. p.).

Essa relação social, política, religiosa e histórica, encontramos-la com diferentes roupagens no programa do governo Bolsonaro e no confronto direto com o Estado Democrático de Direito. Esta será a tônica de um confronto contínuo entre uma teologia do poder e uma relação política e social de cunho sociológico. É notório este conflito estabelecido entre uma teologia do poder, de cunho medieval, com as forças democráticas contemporâneas. Nesse contexto, as características próprias do bolsonarismo consistem em uma cruzada moralista reivindicando uma virilidade patriarcal, misturada como um autoritarismo de caserna. Robson Sávio Reis Souza, doutor em Ciências Sociais, professor do Departamento de Ciências da Religião e coordenador do Núcleo de Estudos Sociopolíticos da PUC Minas, ressalta a característica mais eloquente desta realidade. Reis Souza (2019) salienta que:

Bolsonaro e seu clã agem como uma espécie de “agitadores fascistas”: demandam adesão ideológica das massas, num jogo entre ameaçadores versus ameaçados a justificar uma cruzada moralista, autoritária e religiosa contra os valores e os direitos humanos [...] Radicalizam a raiz da brutalidade constitutiva da sociedade brasileira (a violência estrutural), expressas na violência da virilidade patriarcal, no autoritarismo da caserna e da justiça e no nosso cinismo de nascença. Tudo como se fosse um jogo onde a violência e o gracejo se misturam com a brutalidade sanguinária, a rigidez do militarismo, o moralismo religioso e os desejos perversos da construção de uma sociedade governada por “homens puros e de bem” [...] É preciso registrar que o governo Bolsonaro surge, também, como uma ameaça totalitária. Além de Bolsonaro personificar, em certa medida, os estereótipos de um ditador populista, o mais

preocupante é que o núcleo do totalitarismo está nas instituições sociais e políticas quando (elas) se tornam homogêneas. (REIS SOUZA, 2019, n. p.).

Vale ressaltar que a teologia de cunho autoritário, que sustenta a máquina governamental do governo Bolsonaro, se percebe em seus gestos e discursos; quando de forma proposital e visando expandir a força do imaginário autoritário coloca a figura de Deus para sintetizar seu espírito conservador e autoritário. Essa presença contínua de um discurso religioso autoritário é a forma mais recorrente na teologia cristofascista de Bolsonaro, na qual busca se refugiar e fundamentar sua incapacidade de compreender sua própria imagem “mitológica”. Fabio Py (2020b) considera que:

Essa mistura que dá forma à teologia autoritária de Bolsonaro pôde ser captada quando, emocionado, discursou na celebração da Frente Parlamentar Evangélica, no fim de 2019. Ele postou o discurso algumas vezes nas redes sociais, e afirmou: “Posso ser o chefe do poder mais importante da República, mas o homem do Brasil é Deus”. Essa frase resume a lógica cristofascista de Bolsonaro unindo as três matrizes teológicas aqui desenvolvidas. Quando Bolsonaro destaca que Deus é homem da nação, posiciona-o como homem despótico. Ele ratifica ao repetir: “deus foi muito generoso para conosco, me escolheu antes de tudo, o triplo, além da segunda vida, uma família – a base da sociedade” (PY, 2020b, n. p.)

Justamente, a partir dessas reflexões pode-se dizer que a junção de uma teologia autoritária com um pragmatismo de índole oportunista, nos leva a perceber nesta realidade contraditória que o fascismo se traduz em uma máquina estatal eficiente. Todas essas características nos ajudam a desvendar o que encontramos na junção do bolsonarismo e sua estrutura de poder com a teologia do poder e o pragmatismo comportamental, nas posturas irascíveis dos religiosos que sustentam e reforçam as lacunas presentes no bolsonarismo. Sobre os perfis pragmáticos das figuras de líderes religiosos que sustentam a estrutura de poder em que se apoia o poder autoritário do bolsonarismo, Py (2020) assevera que:

Por seus perfis pragmáticos e discretos, tais religiosos foram escolhidos a dedo pelo bolsonarismo, com aval da Bancada Evangélica, justamente para operar tecnicamente a área “ideológica” da política autoritária e de morte da atual gestão do país. Além do perfil pragmático, competente, cada um de sua forma preenche as lacunas do bolsonarismo, como o aceite a tendências anticientíficas, a construção de um estado policial, a ênfase educacional nas camadas superiores e o destaque na educação tecnológica. Portanto, pode-se dizer que o grande escândalo não está na postura irascível ou histriônica desses religiosos, mas, no contrário, é absolutamente escandaloso que cristãos comuns que participam de comunidades absolutamente piedosas, e que, em nome da posição e do cargo, optam em abrir mão da reflexão crítica associando-se ao genocídio a que hoje assistimos (PY, 2020, n. p.).

Neste contexto contraditório entre instrumentalização religiosa e poder autoritário, enfatizamos nesta análise proximidade e diálogo entre a máquina do poder governamental e a

estrutura teológica do poder autoritário, que alimenta de forma gradual e constante a estrutura do poder do cristofascismo bolsonarista. Agora sim, podemos avançar em nossa análise sobre a formação política e religiosa desse fenômeno.

4 A composição política, religiosa e social do cristofascismo bolsonarista

O cristofascismo não é um fenômeno atual. Os primeiros registros e a cunha do termo provêm da década de 70 do século passado. Albuquerque (2019) aponta que:

Em 1970, a teóloga alemã Dorothee Sölle cunhou o termo “cristofascismo” para definir uma postura política que combina cristianismo com fascismo, baseando-se no fato de as relações do partido nazista alemão com as igrejas cristãs terem contribuído para o desenvolvimento do Terceiro Reich [...] no tempo presente brasileiro há posturas semelhantes da parte de movimentos de igrejas cristãs e de suas lideranças fornecendo apoio a Bolsonaro com suas políticas de intolerância e de ódio. Basta pensarmos nas manifestações públicas documentadas em redes sociais e em televisão pelos líderes padre Jonas Abib (Rede Canção Nova) e frei Hans Stapel (Fazenda Esperança) a Jair Bolsonaro (ALBURQUERQUE, 2019, n. p).

Para Magali do Nascimento Cunha, jornalista e doutora em Ciências da Comunicação, o cristofascismo possui uma longa história, que precisa ser atualizada e conhecida, para ser compreendida no contexto contemporâneo. Nascimento Cunha (2018) comenta que:

Foi em 1970 que a teóloga alemã Dorothee Sölle cunhou o termo “cristofascismo”, a postura que combina cristianismo e fascismo. Sölle baseia-se no fato de as relações do partido nazista com as igrejas cristãs terem contribuído para o desenvolvimento do Terceiro Reich. (NASCIMENTO CUNHA, 2018, n. p.)

É importante ressaltar que a doutora em Ciência da Comunicação ainda apresenta o contexto histórico em que este fenômeno se desenvolveu e a forma como se deu a sua expansão, que contou com ajuda de igrejas evangélicas e suas lideranças. Pode-se inferir, com base em Nascimento Cunha (2018), que:

A história registra como os evangélicos alemães (de maioria luterana) colaboraram com o desenvolvimento do nazismo. A propaganda do fim da República (vista pelos luteranos como poder irreligioso) e de um "cristianismo positivo", voltado apenas contra os judeus, agradou este grupo. O apoio durou pouco com o avanço do totalitarismo e do controle que Hitler impôs sobre as igrejas. Já os católicos se colocaram contra o regime no início e depois se omitiram ou se ajustaram por autopreservação (NASCIMENTO CUNHA, 2018, n. p.).

Na contemporaneidade, o cristofascismo continua a se manifestar de forma estrutural. É nessa perspectiva que a autora resgata a impressão de Sölle, para mostrar a estrutura do poder

teológico que sustenta, em nome da fé, uma deturpação da figura teológica e histórica do agir de Deus na história da salvação. Nesse sentido, Nascimento Cunha (2018) sustenta que:

Para Dorothee Sölle, no tempo presente há posturas semelhantes da parte de igrejas e suas lideranças. O mesmo apoio a supremacias, totalitarismos, a políticas de intolerância e de ódio contra minorias por igrejas no passado estaria vivo entre cristãos no presente. [...] Isto por conta da fé em um Jesus individualizado e sentimentalizado, que despreza o profetismo que o caracteriza nos Evangelhos, além de silenciar e até zombar da atuação dele entre os pobres e marginalizados. [...] “Este tipo de religião”, diz a teóloga, “conhece a cruz apenas como um símbolo mágico do que [Jesus] fez por nós, não como um sinal do homem pobre que foi torturado até a morte como um criminoso político [...]. Este é um Deus sem justiça, um Jesus sem uma cruz, uma Páscoa sem uma cruz – [...] uma traição aos desprezados, uma arma milagrosa a serviço dos poderosos” (NASCIMENTO CUNHA, 2018, n. p.)

Nessa perspectiva, encontramos o pesquisador Fabio Py, que vem mostrando — através de pesquisas, compartilhadas a partir de entrevistas e livros publicados sobre o tema — o que configura a fé cristofascista do bolsonarismo, no Brasil contemporâneo:

A doutrina da fé bolsonarista se conecta diretamente com uma nuvem densa de religiosos e cristianismos hegemônicos que sustentam o maquinário de sua gestão cristofascista. No apoio desse maquinário que tomou o Estado brasileiro se tem pelo menos três grandes pilares de intelectuais teológicos: a primeira dos pentecostais ligados à teologia da prosperidade que enchem o governo de expressões diárias de fé; a segunda aresta, os protestantes tradicionais (principalmente batistas e presbiterianos) que salpicam Bolsonaro com brindes teológicos do naipe de “eleito para governar a nação”; e a terceira tem “longa duração” como a espinha dorsal que estruturou o Brasil, o catolicismo conservador (PY, 2021, n. p.).

Ainda, retomando Albuquerque, é importante frisar que a realidade do cristofascismo está em ascensão no Brasil. Um movimento que de forma negativa não representa a autêntica vida cristã; pelo contrário, a religião é instrumentalizada como talismã mágico. Esta realidade atrai um espectro de fiéis que prega e aceita um Jesus sem conotação de cruz, um líder milagreiro, um mago operador de milagres. Albuquerque (2019) enfatiza que:

São fiéis guiados por seus líderes apregoando uma religião que contempla a cruz cristã apenas como um talismã mágico e não como o sinal histórico da experiência de um homem pobre que foi violentamente torturado até a morte devido à sua pregação em favor da justiça, da partilha dos bens, da igualdade e da fraternidade entre os humanos. O Jesus destes fiéis é um Jesus sem cruz, um mago operador de milagres, um Deus fiel aos seus sonhos de consumo de riqueza material temporal. Um Jesus individualizado e sentimentalizado fiel às necessidades particulares de cada um, de cada uma (ALBUQUERQUE, 2019, n. p.)

Para complementar a análise feita até agora, é necessário analisar o conceito de “cristofascismo brasileiro”. Neste âmbito da pesquisa, sem dúvida o nome mais adequado é o de Fabio Py, o pesquisador mais atual do fenômeno do cristofascismo no Brasil. Sua leitura e

análises ajudam a desvendar como o bolsonarismo se apropriou de um conceito marcadamente teológico-fascista. Para o teólogo protestante-evangélico e professor do Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais da UENF, Bolsonaro, na elaboração arquitetônica do cristofascismo, constrói um mecanismo de comunicação voltado ao seu público-alvo; nesta tarefa a religião é moldada como estratégia comunicacional que tenta criar no imaginário dos seus seguidores uma “guerra dos deuses”. Py (2020c), considera que:

O apelo à religião é usado como estratégia de comunicação para manter o caráter autoritário de seu governo – é o que chamo de “cristofascismo brasileiro”. E esse cristofascismo se estabelece porque o bolsonarismo fabrica intencionalmente uma “guerra dos deuses” a partir de uma teologia do poder sustentada na memória do cristo europeu colonizador: sacrificialista e expiatório das minorias sociais (PY, 2020c).

Vale ressaltar que, para o teólogo e pesquisador, o “cristofascismo brasileiro” necessita ser compreendido dentro do contexto no qual é produzido. A partir dessas reflexões, pode-se dizer, segundo Py (2020c), que:

O termo “cristofascismo brasileiro” se baseia na reflexão da teóloga alemã Dorothee Sölle, que criou a expressão diante do nazismo alemão. Hitler, como Bolsonaro, tinha uma relação próxima com crentes. Ao cunhar o termo, Sölle se preocupou em analisar as relações de integrantes do partido nazi com as igrejas cristãs no desenvolvimento do estado de exceção alemão, quando o governo nazista se utilizou das relações e das terminologias cristãs para sua composição, assim como se reconhece hoje no bolsonarismo (PY, 2020c).

Como assevera Py em seu texto (2020c), já o filósofo e pensador alemão Walter Benjamin ressaltava a barbárie do fascismo como processo anticivilizatório, que assume uma concepção moral conservadora e que transforma o Estado de exceção como arma de controle e de extermínio:

O conceito cristofascismo também se liga ao que o pensador alemão Walter Benjamin descreve como fascismo. Para Benjamin, a barbárie fascista não representa uma regressão civilizacional, mas está contida nas próprias condições de reprodução da nossa civilização liberal e burguesa. Para o autor, a ação fascista se beneficia das concepções conservadoras sobre a moral, a família e o progresso, transformando o todo nacional em um estado de exceção efetivo. Assim, o dispositivo autoritário do bolsonarismo se projeta, a partir da associação ao religioso, para defender uma concepção simplificada de família para a eliminação de seus adversários, bem como os indesejáveis – neste caso, aqueles que não se adequam ao projeto moral de nação estabelecido (PY, 2020c).

Ainda, o nosso autor resalta as novas configurações desta realidade que mistura religião e política, e que tem uma clara finalidade de leitura transversal da história. Nesse sentido vale ressaltar, segundo o teólogo, que:

Esse conjunto de imagens cristológicas sobre a figura política de Bolsonaro, que ora se identifica com messias político religioso, ora com um servo sofredor que governa no calvário, reforça seu projeto cristofascista brasileiro. Seu cristofascismo promove-se por meio de uma teologia política que se pauta supostamente na democracia, mas que, ao mesmo tempo, baseia-se no ódio democrático e com clara disposição autoritária, na qual, uma das técnicas de sua governança é promover o terror no caldeirão de posturas de discriminação, ódio, preconceito, racismo ante os setores “heterodoxos”. Nessa equação, são utilizados discursos que aludem ao cristianismo numa investida contra seus inimigos: professores, militantes de esquerda, indígenas [...] O que se está vendo é uma nova modulação da “guerra dos deuses” que vem pintando a figura de Bolsonaro pública/política com características que passam por Jesus Cristo, martirizado e morto pelo Império Romano. Portanto, afirma-se que vem ocorrendo no governo Bolsonaro mais uma forma de profanação política de Jesus Cristo em prol do status quo neoliberal governista [...]. (PY, 2019, n. p.)

O contínuo movimento que estabelece o cristofascismo bolsonarista no campo do imaginário, mistura a ideia de martírio e morte. Este jogo de imagem e de discurso aproxima a figura do Jair Bolsonaro com seu público evangélico e católico conservador, saudosistas de um Estado totalitário e de uma religião que dita valores morais contra aqueles que não estão no mesmo barco. O bolsonarismo cristofascista adota como tendência profanar a política e os direitos humanos, com a única finalidade de tornar caótico o processo civilizatório construído com base no Estado Democrático de Direito presente na Constituição cidadã de 1988.

É justamente neste ponto histórico que podemos perceber como o cristofascismo vai ocupando espaço na sociedade política e religiosa brasileira. Este foi o tema desenvolvido por Raphael Fagundes em seu artigo na Revista Fórum, que leva por título *O cristofascismo é o novo projeto de nação*. Fagundes sustenta que:

Nada de erradicar a fome, ou o analfabetismo. Muito menos combater a corrupção. O cristofascismo é o novo projeto de nação inaugurado pela facção da burguesia que assumiu o poder. Este projeto tem como foco despolitizar a classe operária de modo a retirar o elemento econômico de sua moralidade. Deste modo, a causa dos problemas sociais seriam elementos comportamentais, ideológicos, espirituais etc., jamais a prevalência dos interesses do capital em relação ao trabalho (FAGUNDES, 2020, n. p.).

Em função disso, o cristofascismo não somente se estabelece em um ambiente religioso, ele se expande em todas as classes sociais e ambientes culturais. A força discursiva se expande de forma não linear; a ideia do cristofascismo como “projeto de nação” abarca uma dimensão muitas vezes imperceptível, mas se encontra em constante evolução e construção. Fagundes (2020) considera que:

A apropriação de um discurso violento por um cristão é fruto de ser ele vítima da violência. As seitas neopentecostais se encontram, em sua maioria, em locais marcados historicamente pela violência. O discurso violento das letras de funk e o discurso violento do fiel têm a mesma origem social. [...] Pode-se constatar que a

violência do bandido não é demonizada neste meio. Há traficantes evangélicos que atuam para ampliar o mercado dos neopentecostais nas favelas, depredando terreiros e expulsando pais de santo. Pedem proteção aos pastores locais, financiam shows gospel com o dinheiro do tráfico e acreditam que um dia, em nome de Deus, sairão do mundo do crime, como mostram as pesquisas de Christina Vital da Cunha sobre o Acari (FAGUNDES, 2020, n. p.).

Nessa realidade em que se expande o discurso cristofascista, o problema da violência não o afeta. Pelo contrário, é pela violência que o cristofascismo vai ocupando espaço e atualizando seus feitos e desejos. A relação entre cristofascismo e violência está em função contínua. Fagundes (2020) ressalta que:

Para o discurso cristofascista, o problema não é a violência. Não seria muito difícil pensar que estes traficantes são, em grande parte, bolsonaristas, a partir desta relação com as seitas neopentecostais que já reconheceram o presidente como um enviado de Deus. Além disso, fotos do presidente Jair Bolsonaro têm sido utilizadas por traficantes em pinos de cocaína, que são embalagens usadas para a venda pelo tráfico”. “Em Mogi Mirim, embalagens de maconha com a inscrição ‘Bolson Bek’ traziam a foto do presidente Bolsonaro”. [...] A questão, para esse projeto evangélico reacionário, é inserir o indivíduo no mercado de trabalho de forma submissa, sem consciência de classe para que possa lutar por seus direitos, e temente a Deus, o que o tornaria relativamente obediente por meio de toda ideologia que envolve o ideal cristão de submissão a Deus. O trabalhador deve ser temente a Deus e à burguesia (FAGUNDES, 2020, n. p.).

É importante destacar que nosso autor busca retratar, no seu artigo, a relação existente entre cristofascismo e um discurso de alienação do trabalhador, em que se retrata a ideia de que um “trabalhador bom é um trabalhador burro”. Afirma:

“Bandido bom é bandido morto” esconde na verdade a ideia de que um trabalhador bom é um trabalhador burro. Esse sempre foi o projeto do capital. Ao longo da história mudaram-se as formas de atingir este objetivo. [...] Desde as origens do capitalismo buscou-se empregar “indivíduos meio idiotas em certas operações simples que constituíam segredos de fabricação”. Marx lembra as palavras de Adam Smith que descreviam a imbecilidade do trabalhador: “Um homem que despense toda a sua vida na execução de algumas operações simples [...] não tem oportunidade de exercitar sua inteligência [...] Geralmente, ele se torna tão estúpido e ignorante quanto se pode tornar uma criatura humana”. “Assim, sua habilidade em seu ofício particular parece adquirida com o sacrifício de suas virtudes intelectuais...”. Adam Smith, pelo menos, defendia uma instrução mínima popular bancada pelo Estado, outros já se perguntavam se o governo deveria realmente empregar parte de sua receita para isso (FAGUNDES, 2020, n. p.).

Em função disso, nesse quadro de discurso e desejo do cristofascismo, encontramos ainda a manipulação dos textos bíblicos para adequá-los a um discurso de ocasião. Esse discurso se enquadra no discurso neoliberal, que contradiz o princípio de liberdade que o verdadeiro cristianismo deve proclamar. Fagundes (2020) defende que:

Há hermenêuticas libertárias da Bíblia. Podemos começar com o próprio Paulo em Gálatas: “É para a liberdade que Cristo nos libertou”. Mas o que deve prevalecer, neste projeto bolsonarista de nação, é o pseudoprotestantismo moralista que “faz de Deus um ser domesticado, ‘engaiolado’ – simulacro da verdade objetiva”. O ideal protestante de libertar a interpretação das Sagradas Escrituras do monopólio da Igreja, dissipou-se no projeto neopentecostal [...] O cristianismo foi usado diversas vezes contra as forças produtivas. Legitimou a escravidão, Lutero o usou contra os camponeses, os luteranos defenderam Hitler e os protestantes holandeses apoiaram o apartheid. Hoje nos deparamos com uma nova empreitada das elites para a manipulação do cristianismo para impor seus interesses aos interesses das classes dominadas. Para fazer vigorar o neoliberalismo e sepultar a economia moral dos pobres, a que luta pela concretização dos direitos garantidos em lei, a burguesia vem se aliando às forças conservadoras e usando das manifestações culturais disseminadas entre os trabalhadores para empobrecê-los politicamente. Esse projeto atualmente usa as seitas neopentecostais formando assim cristofascismo neoliberal (FAGUNDES, 2020, n. p.).

Dáí a necessidade de compreender as várias facetas do cristofascismo; como afirmamos anteriormente, esta encontra-se disseminada de várias formas e em vários momentos. Por isso, é importante ressaltar que o cristofascismo bolsonarista não pode ser sintetizado em um único modelo e nem em uma única direção. Uma síntese de análise não será possível: cada movimento do poder teológico e político demarca um novo espaço para sua disseminação e fortalecimento.

É importante citar o último livro de Juan José Tamayo, *La Internacional del odio* (2020), que propõe um debate sobre temas contemporâneos, entre eles a questão do cristofascismo. Em entrevista concedida, Tamayo alerta que “Todos eles se constroem ao redor do ódio, da criação de inimigos por meio do uso das redes sociais e os meios de comunicação. Trata-se da ‘internacional do ódio’, um movimento mundial que revolucionou a direita conservadora” (O ODIO NÃO É..., 2021, n. p.).

A partir dessas reflexões, pode-se dizer que Tamayo ressalta a proximidade entre cristofascismo e teologia da prosperidade. Nesta proximidade, encontramos o ponto de expansão do cristofascismo na atualidade. Uma visão deturpada entre o Deus criador e um Deus empresário, que certamente cria uma expectativa para além do significado da fé. Tamayo assevera que:

Porque faz parte de uma teologia que se chama Teologia da Prosperidade. Para estes setores, Deus é um grande empresário que criou o mundo, colocou-o a serviço dos seres humanos, e estes seres humanos precisam administrar o mundo, as riquezas e a natureza, como uma grande empresa. E o objetivo da empresa é o enriquecimento. Os pentecostais oferecem esta Teologia da Prosperidade e deslumbram os setores populares que estão em uma situação de pobreza extrema e de total miséria. Dizem-lhes: “Se você acredita em Deus, segue as nossas orientações, pratica os nossos cultos, assiste às nossas celebrações e se junta a este movimento terá um grau de prosperidade que é o que Deus deseja”. Segundo esta teoria, não há incompatibilidade entre ser rico e ser cristão, pelo contrário, a riqueza é um sinal e uma expressão do reconhecimento por parte de deus (O ODIO NÃO É..., 2021, n. p.).

O desejo de ascensão social, a busca da riqueza, influencia esta chave de interpretação. Tamayo assevera que:

Exatamente, essa é a chave, fomenta a abordagem individualista para conquistar uma ascensão na esfera social frente ao sentido comunitário da fé. É preciso levar em consideração que muitos dos grandes subúrbios das grandes cidades da América Latina têm uma presença muito importante destes setores evangélicos. O que se consegue com isto? Algo que politicamente é fundamental: lá onde a direita ou a extrema direita política não pode chegar, porque sua abordagem econômica neoliberal não pode ser compartilhada por estes grupos, os movimentos evangélicos suprem e somam votos nesse ambiente. Por isso, trata-se de uma operação política muito bem calculada (O ODIO NÃO É..., 2021, n. p.).

Ainda, a junção e aproximação entre ódio e cristofascismo podemos encontrá-la de forma contínua nos discursos e práticas que extrapolam o ódio. Tamayo aponta que:

O que têm em comum são os discursos e as práticas de ódio. Concretamente, o discurso e a prática de ódio contra o que chamam de ideologia de gênero, contra o feminismo, que qualificam como coisa do diabo, contra os direitos sexuais e reprodutivos, contra o casamento igualitário, contra tudo o que tem a ver com o começo e o final da vida, a interrupção voluntária da gravidez ou a eutanásia, uma rejeição à homossexualidade, à educação afetivo-sexual, um negacionismo da mudança climática e da violência de gênero... Por outro lado, esse ódio e essa rejeição aos coletivos e refugiados imigrantes (O ODIO NÃO É..., 2021, n. p.).

O discurso e a violência estão marcados dentro dessa perspectiva e trajeto, que misturam perversamente um puritanismo exacerbado, complementado com uma xenofobia amplificada. Sem exagerar, estamos dentro desse turbilhão, aqui, no Brasil contemporâneo.

5 Renascimento ou ocaso: o paradigma da antropofagia

A espetacularização que o cristofascismo bolsonarista promove todos os anos na celebração da Páscoa cristã é sempre um hilo condutor para medir sua força ou sua fraqueza. Em 2021 não foi diferente; a Páscoa representou novamente um espaço de manifestação. Basta saber se essa manifestação representa o renascimento ou o ocaso do cristofascismo bolsonarista. Neste 2021, foi perceptível um certo enfraquecimento desse fenômeno.

Para Fabio Py, não resulta fácil compreender com exatidão a equação entre pandemia e impacto social no Brasil. Neste sentido, Py (2021b) ressalta que:

A equação vivida no Brasil em 2021 indica o alastramento da pandemia e de largo impacto social causado pelo aumento exponencial no número de mortos pela doença. Por isso, o corpo de intelectuais teológicos de Bolsonaro, espalham na semana simbólica cristã uma série de cenas que conectam à persona presidencial com temas e emblemas do cristianismo hegemônico. Eles fazem isso o desenhando como cristão verdadeiro que defende o Brasil (PY, 2021b, n. p.)

Por outro lado, o teólogo mostra um certo afastamento de lideranças cristãs do projeto construído pelo cristofascismo bolsonarista; entre as causas está o alto número de vítimas da Covid-19 nas camadas populares:

[...] com avanço da pandemia do Covid em 2021 ocorre certo desvencilhar de algumas lideranças cristãs do projeto bolsonarista. Isso por conta do número de mortos nas camadas populares, e também pelo desapego governamental às medidas de isolamento social. A menor adesão de lideranças eclesiais às comemorações da Páscoa deste ano sugere o enfraquecimento da articulação da base religiosa do governo (PY, 2021b, n. p.).

Certamente com o descaso com a pandemia, as lideranças cristãs começam a perceber a incoerência em que estão inseridas. É importante ressaltar que esta mudança na percepção pode acarretar, dentro do cristofascismo bolsonarista, um paradigma antropofágico. Justamente a observação feita por Py nos leva a considerar esta possibilidade:

Ponto que ocorre em 2021 uma nova configuração governamental com os cristianismos, não tão intensa como em 2019 e 2020, contudo, ainda relevante. Tal como argumentei no ano passado, a Páscoa de 2020 foi símbolo monumental da construção da imagem de Bolsonaro como messias político no início da pandemia. Agora, para melhor desenhar esse momento de avanço denso da pandemia, gostaria de separar cenas midiáticas da Páscoa de 2021 e compará-las com as de 2020. Para assim se reconhecer as artimanhas da cúpula bolsonarista para manter certa conexão da persona pública do presidente com a figura do “bom cristão” (PY, 2021b, n. p.)

Entre as várias simbologias utilizadas por Bolsonaro (ou as cenas mostradas) — como demonstra Py em seu artigo na Páscoa de 2021 —, a midiaticização do cristofascismo bolsonarista está presente e atuante, aproximativo e um tanto diferente do ano anterior. Essa presença mediática é construída, segundo o teólogo,

Com esse jogo midiático mostra que é um cristão e conhecedor do tema da ressurreição de Cristo por meio da comprovação do túmulo vazio e a vitória de Jesus sobre a morte. Agora, se em 2020 utilizou um versículo clássico da cristologia pontuando sobre Deus/Jesus e a salvação, agora, o destaque recai sobre a questão da vida após a morte, da vitória sobre a morte. O que se relaciona com o genocídio que se vive. Com ele, busca como presidente cristão, consolar o país indicando a esperança de uma vida após o megaton que abate o Brasil. (PY, 2021b, n. p.).

Como já ressaltamos, o novo momento do cristofascismo bolsonarista vai abrindo caminhos, em alguns casos confusos em sua compreensão, mas que ainda causam impacto no desenvolvimento:

Assim observa-se no novo arranjo do discurso cristofascista de 2021 (autoritário e ancorado no cristianismo hegemônico) a preocupação de indicá-lo como líder e alguém apto para comandar a mudança de sentido para nação brasileira diante da

cólera do Covid. Como se vem dizendo, compreende-se que essa reconfiguração do tom religioso nas suas mídias sociais não é um mero detalhe. Isso, porque desde o início do ano de 2021 (com o aprofundamento das mortes pelo Covid) às (sic) partes mais periféricas vem (sic) sendo mais maciçamente castigadas pela doença, são 70% dos mortos. E, logo, se periferias brasileiras foram tomadas pelas igrejas evangélicas, aos poucos vem ocorrendo um deslocamento das igrejas do bolsonarismo (PY, 2021b, n. p.).

Se observamos o cristofascismo bolsonarista desde a sua gestação, podemos perceber o contínuo movimento que este fenômeno engendra dentro do seu fazer político e religioso:

Assim, o que se vê é um novo momento do projeto político que une lideranças das grandes corporações cristãs e os arroubos fascistas de implementação do ultraliberalismo no Brasil. A boa notícia é que nem tantos pastores e padres estão colados a Bolsonaro, contudo, ele segue seu trajeto da “teologia do poder autoritário”, só que está cada vez mais ligado aos artífices do bloco político do centrão, lutando junto a eles para espalhar suas políticas de confisco econômico, das liberdades científico-cultural (sic) e de caça aos heterodoxos. Esta nova fase em que o governo Bolsonaro se divide mais entre os grupos cristãos hegemônicos e o centrão é parte de sua nova sensibilidade política e que segue mantendo a tônica do discurso “terrivelmente cristão” até pelo embate que se avista para 2022 (PY, 2021b, n. p.).

Em função disso, o quadro de reflexão que realizamos até aqui nos conduziu a um território vário de análises, que nos mostra o quanto é complexo o cristofascismo bolsonarista. Esses dois conceitos concatenados produzem práticas e formas discursivas que impactam em todos os estamentos da sociedade, sejam eles políticos, religiosos ou sociais. A operação política que coloca em operação o cristofascismo bolsonarista ainda produzirá outros desdobramentos a curto, médio e longo prazo na sociedade brasileira.

6 Considerações finais

Após o percorrido realizado em nossa pesquisa *Cristofascismo e bolsonarismo no campo político, social e religioso brasileiro*, podemos afirmar que os conceitos desenvolvidos demonstram a sua complexidade na hora de uma análise de cunho bibliográfico. Um dos motivos é porque os conceitos estão em contínua desconstrução e construção.

Por ser um tema contemporâneo, os movimentos dos atores não apresentam uma linearidade dentro dos contextos descritos no artigo. Desde o viés histórico, ficou evidenciado que o cristofascismo é uma tentação contínua dentro do cristianismo, tanto nas igrejas evangélicas como católicas. Além dessa presença contínua, a forma de construção discursiva, política ou religiosa do cristofascismo, na contemporaneidade, encontrou um aliado e plataforma no bolsonarismo.

Neste sentido, o conservadorismo religioso que cria inimigos — reais ou imaginários —, busca disseminar um poder político e teológico para construir uma nova ordem interpretativa, até mesmo dos textos sagrados. O ideal mitológico tornou-se um desejo tentador para uma sociedade que não aceita a pluralidade de manifestações. A instrumentalização do cristofascismo evidencia-se no desejo personalista de cunho narcisista, marcado pelo discurso e gesto do presidente Jair Bolsonaro e seus seguidores heterodoxos, entre os quais encontramos fundamentalistas religiosos, simpatizantes do fascismo e do neonazismo.

O programa de “catequização” que busca implantar o bolsonarismo — com a sombra do cristofascismo de cunho fascista e neonazista — é criar uma atmosfera em que o discurso religioso possa ser interpretado fora do seu contexto e atualizado de forma arbitrária para poder utilizá-lo de forma coercitiva. Neste estágio de construção, o bolsonarismo encontrou apoio no pentecostalismo evangélico e nos conservadores católicos — da hierarquia e dos movimentos de cunho pentecostalista do catolicismo, propagadores de um discurso de cunho “apocalíptico”, em que se mistura alta dosagem de moralismo, dogmatismos e obsessão por uma sexualidade puritana. Bolsonaro e seus defensores trabalham com a desinformação e cultivam o desconhecimento para construir um discurso cristofascista que se enquadra na necessidade de seus seguidores. Estes se baseiam na teologia da prosperidade e na força do poder autoritário em questões teológicas do Antigo Testamento.

O cristofascismo bolsonarista se inscreve no âmbito de um ódio profundo às minorias e aos direitos humanos. Esta postura é considerada pelo núcleo bolsonarista como uma “revolução” no sentido mais conservador possível. Nesta revolução moralista que o cristofascismo bolsonarista propõe, a autocrítica não encontra lugar e espaço. Longe de exageros, esta realidade se alimenta da polarização política, que divide a sociedade em maus e bons.

Por outro lado, podemos perceber uma certa decadência ou um certo paradigma antropofágico nessa conformação. Em alguns segmentos, o cristofascismo bolsonarista começa a perder força e encontra-se em desconformidade com a situação caótica em que se encontra o Brasil.

A pandemia da Covid-19 trouxe à tona a força da desigualdade existente na sociedade brasileira, esta mesma desigualdade de cunho político, religioso e social que serve ao bolsonarismo para expandir suas bandeiras anti-humanistas ou um humanismo seletivo, para forjar sua permanência no poder. Até aqui, podemos observar, seguindo os distintos textos compartilhados no artigo, que o bolsonarismo e o cristofascismo se instrumentalizam e encontram sua base em uma leitura simplória da teologia do poder. O cristofascismo

bolsonarista caminha cada vez mais para uma banalização do mal, da moralização da religião à sua conveniência, que têm, principalmente, forte tendência a permanecer por longo período nos debates políticos, religiosos e sociais no Brasil do século XXI.

Referências

- ALBURQUERQUE, Alexandre Aragão de. Cristofascismo: o que é isso? **Segunda Opinião**, [s. l.], 29 nov. 2019. Disponível em: <https://segundaopinioao.jor.br/cristofascismo-o-que-e-isso-alexandre-aragao-de-albuquerque/>. Acesso em: 08 fev. 2021.
- FAGUNDES, R. O cristofascismo é o novo projeto de nação. **Revista Forum**, Santos - SP, 3 ago. 2020. Notícias. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/noticias/o-cristofascismo-e-o-novo-projeto-de-nacao/>. Acesso em: 08 fev. 2021.
- NASCIMENTO CUNHA, Magali. “Lobos devoradores” e o cristofascismo no Brasil. **Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo – RS, 17 out. 2018. Notícias. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/188-noticias/noticias-2018/583800-lobos-devoradores-e-o-cristofascismo-no-brasil>. Acesso em: 2 abr. 2021.
- NUNES, Maria José Rosado. A sociologia da religião. In: USARSKI, Frank (org.). **O aspecto disciplinar da ciência da religião**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- O ÓDIO NÃO É algo natural e inevitável. Entrevistador: Martín Cúneo. Entrevistado: Juan José Tamayo. [S. l.]: **El Salto**, 11 fev. 2021. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/606751-o-odio-nao-e-algo-natural-e-inevitavel-entrevista-com-juan-jose-tamayo>. Acesso em: 08 fev. 2021.
- PY, F. A cristologia cristofascista de Jair Bolsonaro. **Carta Capital**, São Paulo, 11 jun. 2019. Opinião. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opinioao/a-cristologia-cristofascista-de-jair-bolsonaro/>. Acesso em: 08 fev. 2021.
- PY, F. Protestantes tradicionais no governo Bolsonaro e o mal banal das pessoas comuns. **Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo – RS, 19 out. 2020. Notícias. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/601080-protestantes-tradicionais-no-governo-bolsonaro-e-o-mal-banal-das-pessoas-comuns-artigo-de-fabio-py>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- PY, F. Nunca se viu um governo tão abençoado: fundamentos teológicos do bolsonarismo. **Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo – RS, 17 out. 2020b. Notícias. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/603763-nunca-se-viu-um-governo- tao-abençoado-fundamentos-teologicos-do-bolsonarismo-artigo-de-fabio-py>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- PY, F. Cristofascismo em 7 atos: como Bolsonaro usou a alegoria da Páscoa para não perder popularidade. **The Intercept Brasil**, [s. l.], 1 maio 2020c. Vozes. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/05/01/cristofascismo-bolsonaro-pascoa/?comments=1#comments>. Acesso em: 08 fev. 2021.
- PY, F. Padre Paulo Ricardo: cavaleiro de batina do apocalipse pandêmico. **Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo – RS, 08 fev. 2021. Notícias. Disponível em:

<http://www.ihu.unisinos.br/606430-padre-paulo-ricardo-cavaleiro-de-batina-do-apocalipse-pandemico-artigo-de-fabio-py>. Acesso em: 08 fev. 2021.

PY, F. Nova configuração cristofascista de Bolsonaro: evangélicos começam a se desprender do bolsonarismo. **Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo – RS, 04 maio 2021b. Notícias. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/608894-nova-configuracao-cristofascista-de-bolsonaro-evangelicos-comecam-a-se-desprender-do-bolsonarismo>. Acesso em: 07 maio 2021

REIS SOUZA, Robson S. Da violência estrutural ao negrogoverno: breve radiografia. **Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo – RS, 12 jun. 2019. Notícias. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/589960-da-violencia-estrutural-ao-necrogoverno-breve-radiografia-do-bolsonarismo>.

VIEL, Ricardo. O bolsonarismo é o neofascismo adaptado ao Brasil do século 21. **Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo – RS, 29 jul. 2019. Notícias. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/591277-o-bolsonarismo-e-o-neofascismo-adaptado-ao-brasil-do-seculo-21>. Acesso em: 08 fev. 2021.